

# A PATRIA

ORGÃO REPUBLICANO DO CONCELHO DE OVAR

Director — Antonio Valente d'Almeida

Redacção: Rua de St.ª Anna

Propriedade da Empresa do jornal "A PATRIA,"

Administrador — Fernando Arthur Pereira

Rua das Figueiras

## ASSIGNATURA

Em Ovar, semestre. . . . . 500 réis  
Avulso . . . . . 20  
Para fóra da villa, accresce o porte do c.º reio

## Composição e impressão—IMPRESA CIVILISAÇÃO

de Viuva Lemos & Gonçalves  
RUA DE PASSOS MANOEL, 211 a 219—PORTO

Annuncios: 1.ª publicação, 40 réis a linha. Repetições, 20 réis.  
Permanentes e reclames a preços convencionaes.  
Communicados a 50 réis a linha. Aos assignantes 25 % de abatimento

E' um devêr de todos os ovaenses assistirem á reunião que, domingo, pelas 3 e meia horas da tarde, se realiza no teatro d'esta villa. Sêr-lhes-ha proposto pelo illustre filho desta terra, dr. Zagalo, a mais bella e mais santa obra de beneficencia, obra alta de civilização e solidariedade;— que todos pois apareçam com a sua presença, com a sua fraternização, e com o seu auxilio. Para honra nossa, para dignificação da nossa terra—que ninguem falte!

## Eleições

Para que da urna saísse a expressão rigorosa do sentir popular e o resultado da eleição correspondesse ás necessidades locais, seria necessario que cada voto fosse consciente e independente, porque só a consciencia do dever e da situação do paiz ou da fazenda municipal pôde firmar opinião acertada, e só a emancipação do *cacicato* ou do *compadrio* pôde garantir a liberdade de a seguir.

Assim, se exceptuarmos os grandes centros, poucos serão os suffragios, que representem o verdadeiro querer e os legitimos interesses do povo, que fará eleger quem talvez nem *conheça* nem de acautelar as suas regalias e necessidades tracte.

O regimen do favor, que é sempre a injustiça e muitas vezes a infamia, tem desmoralizado o corpo eleitoral, obrigando-o a *vender-se*, como *mercadoria avariada*, a troco de insignificante preço, como seja a *pseudo-livração* de um filho, que é sempre a *condenação* do filho do outro.

Por outro lado o nefastissimo e *propositado* analfabetismo, em que se tem man-

tido o paiz, obsta á comprehensão nitida do que seja a dignidade e consente que assistamos ao espectáculo torpe e deprimente de vêr exercer uma *soberania*—a unica legitima—com a goliha da *servidão*.

Com effeito nada mais aviltante e triste do que vêr um *cidadão*, cabisbaixo e suspeito, medroso e angustiado, estender *gauchement* a mão, que treme com o *papel*, que pesa como plumbeo fardo.

Quantas vezes não acaba de votar a sua condemnação, contribuindo para a formação de parlamento, que legisle a sua ruina, ou edilidade, que malbarate os redditos municipaes! Extranha comprehensão do dever! Deseja-se economia e fomento, melhoramentos, que garantam o bem-estar, e liga-se importancia *secundaria* ao acto *primordial*, e vae-se realisar a manifestação da superior conquista da moderna sciencia politica com a semceremonia, com que se *descalça uma bota* ou alija uma inutilidade!

E' geral o queixume contra o *estado actual* e garante-se a sua perpetuação! No querer sensatos; na pratica reincidentes!

Não acham os meus patriocios, que é tempo de abrir os olhos ao facho intensissimo da luz de civilização, que projecta o seculo XX, de entrar na corrente do Progresso?

Não são horas de adquirir a emancipação d'essa escravidão abjecta, em que os mantêm esses *senhores*, a quem o *acaso* mais vezes que o *merecimento* collocou á frente do *rebanho*?

E são bem mais odiosos que os *senhores feudaes*, que ao menos avassalavam em nome do que julgavam um direito, e os modernos *caciques* degradam em nome de um vil interesse, um futil capricho ou uma ridicula vaidade.

Ainda assim vamos ás elei-

ções do proximo novembro, porque queremos exercer *todos* os nossos direitos, cumprir *integralmente* o nosso dever de cidadãos livres e conscienciosos.

Não nos illudimos com o resultado, nem d'ahi nos virá desalento, porque se não surprehenderá a nossa expectativa.

Sem impaciencias fiamos da nossa acção educadora a victoria do futuro. Por agora basta-nos a satisfação de moralisar *um pouco* o acto.

Paulo Emiliano.

## A OBRIGA

### Pela justiça e pela terra-mãe

Domingo, debater-se ha no teatro da nossa villa um dos mais punjtivos, mais ponderozos problemas de toda a vida local. Entra ao debate a miseria, o sofrimento—acode á boca da cena. Um nativo do nosso berço vem trazer-nos o seu estimulo, o honrado exemplo dos seus pensamentos devotando se ao bem estar dos que tem fome e sede e ancia, e aflicção de melhor destino. De longe, vem integrar-se na nossa vida pela vizão da terra natal emoldurada, na retentiva, com as côres mais ledas da meninice, e, a espaços, com o goiesco do que nela se agita á profundidade—macabro, soluçante, esqualde e comovedor. Ah! inda bem! . . .

Por muito alem que se suba ou nos dominios do sonho, ou na obsessão da teoria, nunca o homem exula do seu espirito o quadro smjelo e amado do logar humilde onde se nasceu.

A humanidade, todo o infinito da pluralidade da vida cosmica, um belo arroubo, decerto; mas que supremo descanço e que enternecida mirajem no quadrozito da nossa rua de infancia, nos lonjes da nossa paisagem verde de rapazes dos quinze anos. . . E' certo, no fundo, nós somos sempre *cantonalistas*.

E neste cazo—que hem! . . .

Domingo, vamos a vêr.

Ha entre nós divergencias, combinações e incompatibilidades—de que agora a razão, ou sem razão, não discuto;—cada um de nós imaginando-se o decalque do supra homem Nietzscheesco; e tendo mão nos contrarios:—não vão projectar-nos sombra. Porem, desta vez, que as nossas pequenas

peçoas, tão vaidozas quanto nulas e improdutivas, se esqueçam dos seus atritos, das suas hostilizações, das suas más vontadinhas, e ponto deitem ás suas invejas e aos seus desfazeres constantes. Que todos, e cada um vão, domingo, em homenagem ao bem colaborar com verdade, com afetividade e *sem prevenções mesquinhas* na intenção altruista do dr. Francisco Zagalo. Temos andado a desperdiçar os anos e as forças em trabalhos de continjencia, uns construindo na areia moavel, semeando outros cascas vazias; e a maior parte gastando vontade e intelijencia em fainarum e efemera e em *não valores* depressivos.

Arrastados pelo torvelinho do nosso tempo nós nem o compreendemos, nem, ainda, o aproveitamos. Somos da civilização, da afabilidade, da vida social—por fóra; afluem a casca e o rude lenho, montezino e aspero, vem logo á supuração, agravado com sintomas graves de rebarbarização ascendente: facto inegavel na nossa vida. A nós, bem pode ser-nos lembrada a lamentação de Musset: *La politique hélas voila notre misere*;—mizeria as dezenas d'anos perdidos, inutilizados, feitos em cisco.

Tem-nos desleixado do primacial espirito de providencia vivendo ao deus dará de pessoalismos aridos, amezendados sem inerjia creadora ás mais deleterias condições que sociedade de homens possa sofrer. Não temos cuidado de nós, e,—mal terrivel—não temos em conta alguma os indefezos vindoiros.

Amanhá as jerações novas nada de util, de exemplificativo, de digno; nada de salutar e perfeito encontrarão da nossa passagem;—legar-lhe-hemos, aos nóvos, um pantanozo maninho.

Por fortuna, porem, é agora a ocação unica. De começar. De andar.

Tudo o que havemos lidado é a obra infecunda e seca,—depressa passa; aquilo a que nos convidam é a obra util e jeradora:—é pois aquilo que fica.

Ah! agora oxalá que seja! . . .

Antonio Valente.

## ECOS DA SEMANA

### Jogando

Continua a roleta á solta, de caza posta com sua grandeza—o Monte, os dois fazendo larga colheita. Proibem-lhes o *flirt*, um tudo nada pezado, ás aljibeiras dos crentes as durezas e adjacen-

cias da lei,—pessoa morta pelo que ouvimos,—pois joga-se, *segun se cuenta*. Mas realmente! . . . Que incomensuravel tolice, essa de perder d'heiro e fazenda ao rodopiar de uma bola, e de vibrar sob sensações ao bater.. de um quadrozito de cartonagem numa meza qualquer, pr'ahi.

Gastar o preciozissimo valor do tempo, alem do d'heiro que o jogo injere, sem uma desculpa limpa, sem um pretexto decente, e numa sensaboria que ora aborrece, ora provoca os maiores desastres! . . .

E' um dislate maior da marca, vá sem *poze* de moralistas, palavrão tão vazio e ôco—que até os nervos irrita.

### Caminho direito

Verdades de Brito Camacho, (na Lucta) que transcrevemos—por concordancia perfeita, pois *támem* o mesmo entendemos, folgando de vêr escrito o que nos era defezo, ai de nós, assim aos povos expôr. Mas—queiram lêr:

A conducta dos deputados republicanos, como já outro dia dissemos, não pôde ser a que foi na sessão legislativa finda. Não; o revolucionarismo intransigente, de acção immediata, não pôde consentir que os deputados republicanos cooperem com os mais strenuos defensores da monarchia até ao ponto de assignarem conjunctamente projectos de lei que as maiorias aprovam. E isso fez-se na sessão legislativa finda; fizeram-o nós por mais d'uma vez, fizeram-no igualmente os nossos camaradas, nenhum dos quaes, com excepção de João de Menezes, foi ainda acusado de reacionario. O revolucionarismo intransigente, de acção immediata, se mandar alguém ao parlamento, não é para fazer obra pacata de legislador, é para atear a revolução no proprio templo das leis.

Cooperar de qualquer forma com os agentes da governação monarchica, sobretudo na confecção das leis, é reconhecer á monarchia um caracter de perfectibilidade que o revolucionarismo intransigente lhe nega. Não; a monarchia é uma especie de tumor maligno, contra o qual é inefficaz toda a medicina, e igualmente inefficaz toda a cirurgia conservadora. Ou se extirpa immediatamente, por um acto brutal, mas necessario, de cirurgia revolucionaria, ou elle contamina o organismo inteiro da nação, sem poupar os seus elementos mais nobres. Este deve ser, parece-nos, o pensamento do revolucionarismo intransigente, de acção immediata, se a logica não é positivamente um boneco de borracha, que as creanças amolgam á vontade.

## Um grulha

O deputado Alexandre d'Albuquerque, nosso vizinho—de porta, insurjindo se contra uma cronca de «as minhas razões», aproveita o tempo para espraia-se, em louvores e altisonancias, pelos domínios a dentro da figura do conde d'Agueda.

Na verdade—quem tal diria?!

Grande nome o d'esse conde galante, tão grande que nenhuma historia amanhã saberá onde e quando existiu, egualado n'isso, de resto, ao panejista inofensivo—que é assim que o tempo se vinga...

Mas o vizinho politico!

Temos idéa de o ouvir berrando, ha tempos, no parlamento; e nos ficar a impressão de que o senhor deputado tinha um pulmão grossozito.

Temos idéa de o termos visto, por outras vezes, braços de fóra, sofrego, numa ajitação de pequeno que morre por ser notado;—e lembrou-nos o Tartarin, esse primor da Tarasca, como se o senhor deputado fosse apenas—um tapageur... Muta jente diz o contrario, e isto, por conseguinte, seria em nós—mão humor.

## Heliodoro Salgado

Destacante, na ala dos mortos que veneramos, avulta o nome de Heliodoro Salgado. Desde a folgada hora da mocidade, e por toda uma difficulzoza existencia de trabalho, de tenacidade, de privações e de sacrificio, o intemerato livre pensador republicano só teve um fim e um alvo de todo o sempre:—a emancipação pela lucta.

Monarquias e religiões o contaram como inimigo possante, de lealdade cavalheiresca no ataque; e de uma forte e raciocinada disciplina científica na acção. Combateu-as sem uma tregua, até á morte apostolizando como bem poucos. Pobre e simples viveu,—estudando muito, trabalhando sempre; seguindo, sem solavancos, com uma firmeza de estoico todas as consequencias dos seus princípios. Está morto, ha uma espaço da duzia de mezes,—o justo, o bom lutador; mas a sua obra revive na alma educada e livre dos homens que ele creou:—para a Humanidade e para a Justiça.

Celebra se a data da sua morte e ha piedozas romajens, oferendas ao tumulo—do nosso santo! O nosso santo, da igreja sem religião da Verdade, que ha um ano, placidamente, deixou a vida nas mãos da Morte...

## ARA

## MANHANS BRUMOZAS

Aquella, cujo amor me cauza alguma pena, põe o chapéu ao lado, abre o cabelo á banda, e com a forte voz cantada com que ordena, lembra-me, de manhã, quando nas praias anda, por entre o campo e o mar, bucolica mo, rena, uma pastora audaz da relijioza Irlanda.

Que linguas fala? ao ouvir-lhe as inflexões inglezas, os rebanhos!—sigo-lhe os altos pés por estas asperezas; e o meu desejo nada em epoca de banhos. E, ave de arribação, ele enche de surpresas seus olhos de perdiz, redondos e castanhos.

As irlandezas teem soberbos desmazelos! Ela descobre assim, com lentidões ufanas, alta, escorrida, abstrata, os grossos tornozolos; e como aquellas são maritimas, serranas, sujere-me o naufragio, as musicas, os jelos e as redes, a manteiga, os queijos, as choupanas.

Parece um «rural boy»! sem brincos nas orelhas, traz um vestido claro a comprimir-lhe os flancos, botões a tiracolo e applicações vermelhas; e á roda, num paiz de prados e barrancos, se as minhas mágoas vão, mansissimas ovelhas, correm os seus desdens como vitelos brancos.

E aquella, cujo amor me cauza alguma pena, põe o chapéu ao lado, abre o cabelo á banda, e com a forte voz cantada, com que ordena, lembra-me, de manhã, quando nas praias anda, por entre o campo e o mar, catolica, mo, rena, uma pastora audaz da relijioza Irlanda.

Cezario Verde.

## Uma indecente comedia

No «Diario do Governo» fez publico, o sr. Ferreira do Amaral, aos governadores civis deste reino da bacócolandia que se desintressa das eleições.

Diz, entre outras coizas, assim: «Não tendo o actual governo que representar part do algum em especial, e não tendo por isso, sequer, que demonstrar seguindo a tradição politica, a sua força eleitoral, não precisa de ter o que na tecnica consagrada se chama camaras suas, pretensão que seria não só importuna mas perfeitamente descabida». Poderia e deveria ser mais claro, mais correntemente intel jivel este rico filho literario governativo, mas não foi para o vermos, como gramaticos, que o transcrevemos aqui. Adeante, pois.

E' para meditarem na injenuidade e inocencia governativa que nos demos á transcrição «o governo desintressa-se das eleições...»

A indecente farçada! Como se os governadores dos districtos, todos politicamente ambiciosos e aferrados ao dominio caciquesco-partidarista, fossem capazes de considerarem á letra, no seu bom termo—a proza da circular.

Como se, por exemplo, o conde d'Agueda fosse suscetivel de, no seu logar de delegado do ministerio, abster-se de injerencia politica nas eleições camararias do seu distrito!

Como se os governadores civis progressistas não se empenhassem na posse do maior numero de municipios,—empregando pois os seus meios;—e como se os colegas rejeneradores não tivessem a mesma mira, e a mesma falta de escrupulos na escolha e uso dos meios, a esse fim, conducentes!

Se, no nosso concelho, a hipoteze houvesse de os progressistas terem eminente a derrota ou infunjada por republicanos, ou por rejeneradores, ou nacionalistas, acredita alguém que o governador civil aceitasse de braços cruzados, inativo e boñacheirão, a ruina dos seus amigos? Duvida alguém que violencias, arbitrariedades, e perseguições moraes e materiaes, o terror antigo, em summa, não fossem de novo uzados, com semceremonia e continuidade?

Não advirá nada de anomalo, sabe-se, e compreende-se, sem esforço, que os apaniguados de quem «está de cima» tendo facil

e certa a victoria a colham pacificamente e sem recurso a desmandos.

Mas se a maioria dos eleitores não fosse agora «dos nossos» como se diz em calão politico, então o veriamos, trocado em meudos, ao desinteresse das clientelas governamentaes... por muito que solfejasssem as publicações officozas, um méro fogo de vistas—que nem os tolos iluda.

Era o agro, o máo da comedia que se prepara; os governadores civis desembaraçados de todo, mais com as redeas folgadas, mais arbitrarios que nunca—um paraizo politicoeiro para os cacques... da côr.

## As eleições camararias

As commissões republicanas de Ovar decidem que se disputem as eleições camararias. Organização e apresentação da lista partidaria. A' Urna!

Reuniram na finda segunda feira, em assemblea conjunta, as commissões municipal, e parochial de Valega. Motivo convocatorio—as eleições camararias proximas, sobre as quaes urjia o partido republicano local defenisse a sua attitude. Discutindo-se, foi deliberado por unanimidade de votos que nos apresentassem ás eleições, e frizantemente se estabeleceu o salutar e digno principio de não aceitar, em teze, quaesquer acórdos. Luctamos por orientação doutrinaria, para disciplina do eleitorado, e por que, em toda a parte, devemos aproveitar da movimentação que resulta das campanhas eleitoraes. Aspando ao supremo governo, devemos começar pelo combate do municipio—a grande escola, nos póvos livres—do cidadão. Aos municipios é essencial a politica (e o que não tem significado é esse amorfo hibridismo das vereações extra-partidarias tiradas de agremiações partidarias), é essencial a politica com responsabilidades d fiadas, com ponto de referencia firme, com carater especifico claro, e o que para ahi tem vivido não possui senão incoerencia e negativismo social.

Politica, no municipio como no governo,—e a acção republicana deve tender á conquista e á directa responsabilidade de governar uma vila, e governar a nação. Por isso, com lista propria, bem andaram as commissões em decidirem a luta. O assunto magno das eleições camararias deve ser, a serio, julgado pela massa dos eleitores; não se deixe o votante enrudilhar de peditorios vexantes ou de permutação de favores, dir ja-se, na escolha da sua lista, essencialmente—pela Razão. O Direito do voto todos o devem exercer como um sagrado e inalienavel Dever, devem-no a si, aos seus familiares e á sua terra; é um máo filho e é um máo cidadão todo aquele, que, por considerações egoistas ou por receios,—se desintressa das pugnas eleitoraes. E' máo cidadão, indigno homem, é todo aquele que, como um lacaio de infima especie, negoceia com o seu voto:—dinheiro, protecção, boas graças,—tudo uma forma indecoroza de pagamento. O dever é o direito, e o direito é o dever:—que todos votem anda contra nós mesmos, pois só é censuravel e pretereisivel a abstenção, e nunca o voto

voluntario e consciente do eleitor nosso antagonista.

Mas o que todos devem é estudar as listas dos candidatos, e verificar se, alem da competencia eles se apresentam com orientação definida ao verdictum dos eleitores. Depois escolher—e nada de subversivencias, nada de subordinações.

Eis a lista proposta ao sufragio pelo partido republicano:

Antonio d'Oliveira Melo (capitalista)  
Antonio Valente d'Almeida (comerciante)  
Celestino Soares de Almeida (capitalista)  
Domingos Lopes Fidalgo (medico)  
João José Alves Cerqueira (comerciante)  
José Gomes da Silva Bonifacio (comerciante)  
José d'Oliveira Lopes (capitalista e proprietario)  
Substitutos:  
Antonio Gairoz da Penha Garcia (industrial)  
Antonio Godinho d'Almeida (proprietario e capitalista)  
Ernesto Augusto Zagalo de Lima (farmaceutico)  
Manoel Augusto d'Oliv. Salvador (comerciante)  
Manoel Dias de Carvalho (comerciante)  
Manoel da Silva Pereira e P.nho (proprietario)

Pelo municipio —ás eleições! A' urna—como homens livres, honradamente votando!

## Interesses municipaes

## Beneficencia-Hospital

Parece-nos n'esta altura uma inutilidade o encarecimento da instituição beneficente, que se projecta, por ser uma verdade de primeira intuição, que todos reconhecem. Uma vez ou outra, todos temos tido occasião de lamentar a deficiencia do nosso hospital e a falta de organização da beneficencia publica.

Sendo assim, mal se comprehende, que não assistamos em breve prazo á inauguração do primeiro estabelecimento, pois só por culpa dos homens é que a empreza poderia falhar. Mas, se estes são concordes em reconhecer a necessidade e utilidade da obra, só uma maldade inadmissivel ou um egoismo inconfessavel poderiam obstar, a que dessem o seu concurso, o que se nos afigura absurdo. Logo a obra está garantida, e tudo se reduzirá a animar os tibios.

Por motivos de diversas ordens e que não importa agora desfiar, são pouco fortes os laços, que unem entre si os membros da sociedade ovarense, a sua educação civica acha se muito atrazada e as manifestações collectivas, que a têm agitado, têm sido infelizmente de feição a dissolvê-la, e por isso pode o scepticismo invadir alguns animos tibios, acarretando a descrença na realização da obra e o consequente retrahimento ou não annuencia a dispender energia, que, pelo seu prisma, vêm resultar em pura perda.

Temos estado em plena pha-

se do individualismo, cada um tracta de si, julgando não valer a pena trabalhar pelos outros.

No entanto é incontestavel que a nossa gente é activa, intelligente e trabalhadora, qualidades, que, postas ao serviço de qualquer causa, são sufficientes para a levar ao fim.

E a obra, que se projecta é de tal magnitude, e nós vemos já tantas sinceras adhesões e sobretudo tal unanimidade de assentimento, que estamos convencidos de que não haverá hesitações, que se não decidam e pessimismos, que se não transformem na mais ardente fé.

Se cada um dos que actualmente duvida vier trazer o seu concurso—e d'isso estamos certos—verá, *pari passu* que se fôr desenrolando e executando o programma, como é fundamentado o nosso optimismo.

De certo que, se cada um esperasse pelo esforço dos outros para lhe seguir o exemplo, a empreza correria o risco de ficar deserta.

Tal não succederá, porque bem sentimos, até no proprio ar que respiramos, o sopro alentador, que ha-de fazer medrar a nascitura. E assim é vêr a alegria e animação, que ha-de resplandecer de todos os rostos no proximo dia 18.

Fabio Cunctator.

## CHRONICA AGRICOLA

XX

Associações agricolas — credito agricola

3.º

Uma das cousas do nosso atrazo agricola apontada por os economistas é a falta de capital que torne possiveis as grandes emprezas e, muito mais, do que possa auxiliar o pequeno lavrador nas suas transações e necessidades culturaes. Ao passo que o commerciante e o industrial teem o chamado—*credito pessoal*—que lhes permite jogar com um capital muito superior ás suas reservas e até ao seu activo, o lavrador só tem o *credito real* isto é, para obter capitales tem de recorrer á hypotheca, penhor ou fiança. Isto, quando possivel, é excessivamente oneroso o que desequilibra a economia domestica pelas excessivas despezas que acarreta, as quaes veem impossibilitar as vantagens de lucros ainda quando estes fossem quasi seguros.

D'ahi a necessidade de crear, organizar e fomentar o *Credito Agricola*—o que se tem feito por formas diversas.

O seu fim é fornecer á agricultura o capital necessario, com juro barato (não excedendo 5 1/2%) e com a facultade do pagamento, a largo prazo e em prestações certas.

Qualquer lavrador que precisasse comprar gado, adubos, sementes, alfaias, etc. a elle recorreria então com vantagens enormes, e com a certeza de lucros sufficientes para satisfazer os encargos minimos que do emprestimo lhe adviriam.

De diferentes formas se tem organizado o credito agricola em varias nações; á criação de bancos ruraes, as associações de classe e ainda e sobretudo as *caixas ruraes* que por serem um facto realisado, são portanto de possivel existencia indiscutivel. E' duplo o seu fim: cedem por emprestimo o capital necessario até um limite previamente fixado; e recebem as economias que o lavrador faça durante o anno pagando-lhe um juro modico.

A primeira duvida que assalta os incredulos é a possibilidade d'arranjar o capital necessario pagando um juro pequeno; todavia, ainda até hoje não faltou esse capital, antes existe em tal abundancia que á direcção das caixas ruraes compete limitar as entradas d'esse capital que pode desequilibrar a sua economia por a difficuldade da sua collocação.

Em geral as caixas pagam 3 ou 3 1/2 %

de juro e recebem 5% revertendo o lucro da diferença para os encargos de demora no pagamento, para os prejuizos inevitáveis e para fundo de reserva. Organização semelhante tem a Caixa Económica d'Aveiro e ainda lhe não faltaram capitães, que proveem de pequenas economias que allí vão dando juro e que não é possível collocar em outro ponto com igual segurança e d'aquelles que preferem um juro modico e um somno tranquillo que a segurança do capital trazem, a especulações perigosas e de juro tentador.

As caixas ruraes francezas differem bastante das allemãs das quaes as mais vulgarizadas são Schulze—Delitzsch e sobretudo Raiffeisen.

As francezas exigem o *credito real*—penhor, hypotheca ou caução enquanto que as allemãs exigem o *credito pessoal* que facilita as transações, as torna menos onerosas mas exige um perfeito e completo conhecimento dos associados e da sua honestidade como meio unico d'evitar as faltas de satisfação dos compromissos.

As caixas ruraes devem ser estabelecidas por individuos que pertençam a uma pequena área territorial para assim se conhecerem bem e poderem excluir os menos sérios e os insolventes.

Bem escolhidos os socios não deve haver duvida em tornar cada um a sua responsabilidade *illimitada* pelos compromissos do caixa, o que é a mais sólida garantia para a obtenção de capitães, sendo certo que não ha até hoje exemplo d'essa responsabilidade se tornar effectiva.

A direcção das caixas ruraes resolve, quando é pedido um emprestimo, se deve ou não fazê-lo e d'isso só ha recurso para a assembleia geral dos associados; mas antes de resolver indaga do estado pecuniario do que pede e do fim a que é destinado, verificando depois cuidadosamente a sua applicação quando concedido.

\*\*\*

## NOTICIARIO

### Dia a Dia

Fizeram annos:

No dia 11, o nosso presado assignante snr. Dionizio Carvalho da Cruz.

E no dia 12, a snr.<sup>a</sup> Olympia Carneiro.

Passam egualmente seus anniversarios natalicios:

Hoje, o menino Augusto Julio, dilecto filhinho do nosso illustre amigo Dr. Pedro Chaves, e o snr. Frederico dos Santos Lima.

No dia 17, o nosso sympathico amigo Anthero Cardoso.

E no dia 19, o snr. Carlos Alcantara da Gama Baptista.

As nossas felicitações.

—De visita a seu compadre e nosso amigo snr. Celestino Soares d'Almeida, esteve ha dias n'esta villa, d'onde seguiu para o Rio de Janeiro, o snr. Manoel Gomes da Costa, importante commerciante n'aquella cidade.

—Acompanhada de seus filhos, retirou do Furadouro para Lisboa a snr.<sup>a</sup> D. Celeste de Magalhães Carrelhas.

—Partiu ha dias para o Pará o nosso estimado correlligionario José Paes da Silva, de Vallega.

Prosperidades e breve regresso é que lhe desejamos.

—Para o collegio do Espirito Santo, de Braga, seguiram os meninos João e Manoel Godinho d'Almeida, filhos do nosso amigo e valioso correlligionario snr. Antonio Godinho d'Almeida, vice-presidente da commissão municipal republicana de Vallega.

—Regressaram do Furadouro a esta villa, com suas familias, os snrs. Dr. José Maria de Souza Azevedo, D. Emilia dos Santos Oliveira, Manuel André d'Oliveira Junior e Antonio Maria Gonçal-

ves Santhiago e José da Silva Ribeiro.

—Partem á manha para Coimbra, afim de proseguirem no seu curso universitario, os distinctos academicos e nossos amigos Anthero Cardoso e Antonio Zagalo dos Santos.

—Partiu hontem para Lisboa, onde se vae matricular na Academia Polytechnica, o nosso bom amigo e intelligente academico João Baptista Nunes da Silva.

### Beneficencia Escolar

Em sua sessão de 8 do corrente a Commissão de Beneficencia Escolar tomou conhecimento dos requerimentos apresentados por os concorrentes á supplicia dos subsidiados, e que eram em numero de doze não obstante o concurso ser aberto para 20.

Fez a classificação por a ordem seguinte: Maria do Carmo filha de José da Costa Paulo, da Ponte Nova; Eugenia filha de José Maria Pinto Pacheco, da Ponte Reada; Apolinario filho de Francisco Dias da Rocha, de S. Miguel; Manuel filho de Antonio Ferreira Brandão, do Bajunco; Deolinda filha de Antonio d'Oliveira Gonçalves, da Ponte-Nova; José filho de José Simões Basilio, estes orphãos de pae; Margarida filha de Antonio Maria Luiz de Sá, da R. das Almas; Antonio Joaquim filho de Antonio da Silva Marques, da Ribeira; Manuel filho de José Maria Gomes da Silva, da Ponte-Nova; Manuel filho de Manuel da Silva Maia, de Cimo de Villa; e Luiz Joaquim filho de José Joaquim Vieira, do Bajunco.

Excluiu Manoel filho de Antonio da Silva Marques, da Ribeira, por não ter a idade legal.

Como, segundo o regulamento da Commissão os alumnos matriculados preferem sempre aos não matriculados qualquer que seja a classificação feita, convem que os interessados obriguem desde já os pretendentes a frequentar a escola afim de não serem preteridos.

### Reunião

No theatro d'esta villa effectuou se domingo passado uma reunião de varios cavalleiros de representação social, a convite dosnr. Capitão Eduardo Marrecas Ferreira, na qual este official apresentou um largo plano de melhoramentos locais. Por sua proposta, foi resolvido pelos assistentes formar uma grande commissão constituida pelo presidente da camara e d'outras corporações, administrador, magistrados e officiaes de justiça, sub-delegado de saude, clero, medicos, advogados, pharmaceuticos, imprensa, principaes commerciantes, industriaes, capitalistas, proprietarios, etc., etc., para promover melhoramentos locais, ficando, porém dependente de nova reunião a sua organização definitiva.

A iniciativa do snr. capitão Marrecas é digna de todo o elo-

gio, sobretudo por elle, estranho a esta terra, se interessar pelo seu desenvolvimento e aformoseamento enquanto aos naturaes nem ao menos sequer tal phantasiar.

Fazemos votos para que o trabalho do snr. capitão fructifique, dando logar a uma corrente de reacção que na sua passagem desfaça o indifferentismo local que nos assola.

### Audiencias geraes

Em audiencia geral tem logar no proximo dia 30 do corrente no tribunal da comarca o julgamento dos reus Manoel Godinho d'Oliveira, Margarida Pereira Dias, José Luiz, o Esperança, e Manoel Maria da Cruz, o Carreiro, pelo crime de furto com arrombamento ha mezes praticado a Anna Paes, da Lagôa de S. Miguel.

A defeza dos dois primeiros reus está confiada ao snr. dr. Arthur Valente, d'Avanca, a do terceiro ao snr. dr. Antonio Tavares e a quarta ao snr. dr. Antonio Sobreira.

### Tempo e pesca

Tem feito entre nós uma quadra de tempo verdadeiramente primaveril e excellente para as colheitas.

O mar porém, tem se conservado agitado, impedindo o trabalho de pesca.

### Desastre

No dia 8 de manha, deu-se em S. Vicente de Pereira um lamentavel desastre que causou profunda consternação no povo d'aquella freguezia.

Andando Manoel Luiz d'Andrade, casado, do logar da Torre, e Justina de Pinho a extrahir pedra n'uma pedreira pertencente ao snr. Antonio. Francisco de Pinho, esta desabou soterrando-os, ficando aquelle morto e esta gravemente ferida.

Ao infeliz trabalhador foilhe feita a competente autopsia, verificando-se que a morte fôra instantanea.

### Tarifa camararia

O preço dos generos obtidos n'este mercado no dia 29 de setembro ultimo para a tarifa camararia foi o seguinte:

Trigo . . . . .	20 litros	1:100
Milho Branco . . . . .	» »	780
Dito amarello . . . . .	» »	720
Centeio . . . . .	» »	800
Cevada . . . . .	» »	700
Feijão branco . . . . .	» »	1:200
Dito vermelho . . . . .	» »	1:250
Dito rajado . . . . .	» »	960
Dito amarello . . . . .	» »	960
Aveia . . . . .	» »	560
Painço . . . . .	» »	600
Vinho grosso . . . . .	1 litro	40
Azeite . . . . .	» »	320
Manteiga . . . . .	1 kilo	900
Vacca . . . . .	» »	340
Linho . . . . .	» »	520
Batata . . . . .	15 kilos	360
Ovos . . . . .	cada cento	1:200
Gallinha . . . . .	» »	600
Frango . . . . .	» »	300
Cera . . . . .	» »	900
Melancia . . . . .	» »	10
Melão . . . . .	» »	10

### Abusos a reprimir

Disseram-n'o as Sibilas e cumprir-se-ha o seu *advinho*.

Esta villa, a ufanar-se dos seus 15:000 habitantes, é tão pobre, tão falha de tudo que engrandeça, que eleve uma terra, que chega a causar lastima ter-se nascido n'ella.

De que serve apregoar-se a toda a gente que somos de grande commercio, de bastante industria, se nada temos, em melhoramentos publicos, que torne, sequer supportavel, este burgo tão despidido de tudo que constitue civilização?

Ha villas, como a Povoa de Varzim, que têm avenidas com bonita arborisação, illuminação publica a acetilene, jardim e corêto, etc., etc.

Que temos em Ovar, que acompanhe o progresso de localidades equiparaveis em população aquella?

Temos na rua da Praça e n'outras ruas, valetas conduzindo toda a especie de escurmeira e exalando *perfumes* só dignos de quem os espalha e de quem os tolera.

Temos uma illuminação publica—pulha.

Temos jardins Babilonia—*Estrella*, avenidas de vasta superficie (ha algumas de 4<sup>m</sup> x 8<sup>m</sup>) mictorios publicos da grandeza e tamanho dos de noite... particulares, e tambem possuímos (graças a Deus!) uma evangelica paciencia que orça pela mais profunda ignorancia do que pelo mundo civilizado vai!

### AOS LAVRADORES

Já é hoje um facto bem provado e sabido por os lavradores que apenas sabem lêr e escrever que as plantas precisam d'azote e acido phosphorico, potassa e cal.

De todos estes elementos talvez o mais importante sobretudo na cultura de cereaes que é a mais espalhada no nosso concelho, é o acido phosphorico que é tambem o que em menos quantidade se acha na terra. E' preciso pois fazer adubações com acido phosphorico em grandes quantidades o que faz dar boas colheitas e com a vantagem de não se perder o que as plantas não aproveitem porque fica nas terras embora chova muito, indo as outras colheitas aproveitall-o. Para se saber a importancia do acido phosphorico basta dizer-se que as adubações feitas só com elle dão boas colheitas enquanto que só com cada um dos adubos que contemham azote, potassa ou cal, já não as dão tão boas. Depois do acido phosphorico o elemento mais importante é o azote.

Entre os muitos productos apresentados em commercio para fornecer o acido phosphorico o mais antigo é certamente o pó d'ossos e ainda o melhor e mais barato. Antigamente era até o que se usava exclusivamente e ainda não era preparado com a perfeição com que hoje se prepara.

E' o unico adubo phosphatado que se dá bem em todas as terras e de facil applicação e d'effeitos rapidos e seguros. Além d'isso tem a grande vantagem de ter acido phosphorico e azote embora este em menor quantidade, tornando-se

pois um adubo completo e muito barato porque se o lavrador que o empregar usasse outro adubo por exemplo o superphosphato de cal, teria de comprar tambem um adubo azotado, como o nitrato de sodio ou outro. Assim com um só, faz o effeito dos dois. Mas se quizer mistural-o com outros póe fazel-o á vontade sem estragar nenhum, o que não acontece com alguns dos outros adubos.

Já em Ovar se vende o pó puro d'ossos, com dosagens garantidas e baratissimo; procurem-n'os em casa de José Ferreira Malaquias, no Largo dos Campos que lhes dará todos os esclarecimentos necessarios sobre a quantidade a empregar, forma de o fazer, etc.

Experimentem uma vez n'um bocado pequeno e verão que nunca mais deixam de o usar e que dão por bem empregado o dinheiro que dêrem por elle.

## ANNUNCIOS

### ANTIGA OURIVESARIA

DE

PLACIDO O. RAMOS

José Placido Ramos participa ao publico em geral, que acaba de chegar ao seu estabelecimento, um novo sortido de estojos em prata, proprios para brindes, taes como: cigarreiras, fosforeiras, copos para leite, talheres para creança, escovas de unhas e de dentes, dedaes, palite ros, cinzeiros, argolas para guardanapos, etc., etc.

### Machinas a vapor e motores a vento

Manoel Moreira, da rua da Praça n.º 25, encarrega-se de encomendar de fabricas nacionaes e estrangeiras quaesquer machinas a vapor para fabricas, motores a vento força superior a 10 cavallos e turbinas para moinhos, garantidos, incumbindo-se ao mesmo tempo da sua montagem, installações e transmissões tudo a preços relativamente modicos.

As turbinas podem desde já ser examinadas por quem as preteuder.

Egualmente se incumbe de mandar fundir qualquer obra de metal, de ferro em bruto, canalisações e de qualquer reparação em machinas e bombas.

## CORREIO

Continente, Ilhas, Africa e Hespanha

Cartas: até 20 grammas ou fracção 25 réis.  
Jornaes: cada 50 grammas ou frac. 2 1/2 réis.  
Registo: além do respectivo porte 50 réis.  
Vales: por cada 5000 réis ou frac. 25 réis.  
Encomendas postaes: Continente e Ilhas, 200 réis até 3 kilos, 250 réis até 4 kilos e 300 réis até 5 kilos.

### VALLES

Por determinação do governo, passou a ser de 30 dias, depois da respectiva emissão, o prazo para o recebimento de valles do correio nas recebedorias dos concelhos, ficando d'esta forma restringido a metade o antigo prazo de 60 dias.

# ARMAZEM DE LANIFICIOS E FAZENDAS BRANCAS

DE  
ALVES CERQUEIRA

PRACA — OVAR

N'este estabelecimento vendem-se todos os artigos de lanificios e de fazendas brancas por preços commodos.

Grande sortido de toalhas de Guimarães, lençoes de banho, guardasoes e chapéus.

Agencia das importantes Companhias de Seguros — Probidade e Indemnizadora — e do Banco Commercial de Lisboa.

# GRANDE DEPOSITO DE AZEITE

DE  
JOSÉ RODRIGUES FIGUEIREDO

NA  
RUA DAS FIGUEIRAS — OVAR

Tem sempre, para revenda, azeites das mais finas qualidades e de magnifico paladar, do Douro, Beira Alta, Beira Baixa e Elvas, que vende a preços relativamente baratos.

# MERCEARIA VALENTE

PRAÇA — OVAR

Além d'outros artigos de mercearia, encontra-se á venda n'este estabelecimento toda a qualidade de vinhos do Porto e Madeira, manteigas recebidas directamente das melhores fabricas de Cambra.

Variado sortido de ferragens, tintas e vernizes.

PREÇOS SEM COMPETENCIA

Ernesto Zagalo de Lima  
PHARMACEUTICO

Rua da Praça — OVAR

Domingos da Fonseca Soares  
COM

ARMAZEM D'ARROZ

NA

Rua de S. Bartholomeu — OVAR

Salvador & Irmão

RUA DA GRAÇA — OVAR

VENDEM

Arroz nacional de todas as qualidades, milho nacional e estrangeiro e diam cereaes de produção nacional.

A PREÇOS BARATOS

MANUEL DA SILVA

BONIFACIO & C.<sup>a</sup>

COM

DEPOSITO

DE

Arroz nacional, cereaes e legumes seccos.

Rua de Santo Antonio — OVAR

CASA CERVEIRA

FURADOURO

Hotel—Café e Bilhar

Bons commodos, bom tratamento a preços modicos.

Aberto de 1 de Julho a 20 de Novembro.

# HORARIO DOS COMBOYOS

DO PORTO A OVAR E AVEIRO

DESDE 15 DE MAIO

Comboyos	Tr.	Om.	Tr.	Rap.	Tr.	Tr.	Exp.	Tr.	Rap.	Tr.	Tr.	Cor.	
MANHA	S. Bento	5,19	6,35	7	8,50	9,39							
	Espinho	6,20	7,30	8	9,28	10,48							
	Esmoriz	6,36	7,38	8,16	—	11,2							
	Cortegaça	6,42	—	8,22	—	11,7							
	Carvalh. <sup>ra</sup>	6,48	—	8,28	—	11,11							
	OVAR	6,58	7,52	8,38	—	11,22							
	Vallega	—	7,57	—	—	11,29							
	Avanca	—	8,2	—	—	11,35							
	Aveiro	—	8,36	—	10,6	12,16							
	TARDE												
							1,55	2,45	3,33	5	5,15	6,26	8,45
							2,55	3,40	4,31	5,39	6,22	7,26	9,46
							3,11	—	4,46	—	6,38	7,42	9,53
							3,17	—	4,52	—	6,44	7,48	—
							3,23	—	4,59	—	6,50	7,54	—
							3,33	3,59	5,9	—	7	8,5	10,13
							—	—	—	—	—	8,11	—
							—	—	—	—	—	8,18	—
							—	—	—	—	—	8,58	10,55

DE AVEIRO E OVAR AO PORTO

Comboyos	Tr.	Cor.	Tr.	Tr.	Tr.	Rap.	Tr.	Tr.	Om.	Tr.	Rap.	Om.
MANHA	Aveiro	3,54	5,45	—	—	11						
	Avanca	4,37	—	—	—	11,39	2,5	—	—	5,34	—	9,55
	Vallega	4,43	—	—	—	11,43	—	—	—	6,9	—	—
	OVAR	4,51	6,23	7,20	10,19	11,54	—	—	—	6,14	—	—
	Carvalh. <sup>ra</sup>	5,2	—	7,31	10,21	12,4	—	—	—	6,23	7,25	—
	Cortegaça	5,7	—	7,36	10,26	12,8	—	4,15	5,35	6,23	7,25	—
	Esmoriz	5,13	6,37	7,42	10,33	12,13	—	4,26	5,46	—	7,36	—
	Espinho	5,30	6,46	7,59	10,51	12,30	—	4,31	5,51	—	7,41	—
	S. Bento	6,34	7,47	9,2	11,54	1,47	—	4,37	5,57	6,88	7,47	—
	TARDE											
							2,39	4,54	6,14	6,51	8,4	10,34
							3,18	5,58	7,15	8,1	9,3	11,16

# CASA CERVEIRA

PRAÇA — OVAR

Mercearia, miudezas, vinhos finos e bebidas de todas as qualidades.

Grande deposito de esteios de lousa, para vinha e vedações.

Tanques de lousa para agua, bancas de lousa para cozinha, por preços inferiores aos do Porto, por contracto com uma importante fabrica de Vallongo.

Grande sortimento de livros escolares e litteratura, encarregando-se de mandar vir com toda a rapidez, toda e qualquer obra, nacional ou estrangeira, sem augmento de preço.

Agencia de todas as casas editoras, tomando assignatura de qualquer obra.

# TANOARIA

ARMAZENS DE VINHOS

OVAR—Rua das Figueiras

Carrelhas & Filho, Successor

Vinhos maduros, verdes (tintos e brancos) e finos.

Alcool, aguardente de vinho e bagaceira, geropigas finas e baixas.

Vinagres tinto e branco. Na sua conhecida TANOARIA, faz toneis, pipas, meias pipas, barris de quinto, decimo e tudo o mais concernente á mesma, garantindo a solidez e perfeição dos seus trabalhos.

Tudo a preços convidativos.

# RELOJOARIA

Serve magnificamente em seriedade de transações e em perfeição de trabalho a de Augusto da Cunha Farraia.

Ovar—Rua da Praça

Vinhos tintos, brancos e geropigas

Directamente recebidos das propriedades do Ill.<sup>mo</sup> Sr. Manoel Valente de Almeida, vendem-se a retalho no estabelecimento de Augusto da Cunha Farraia.

# Companhia de Seguros "Portugal,"

Sociedade anonyma de responsabilidade limitada

Capital Rs. 1.600.000\$000

Emitido 320.000\$000

EFFECTUA

SEGUROS TERRESTRES

contra

Fogo, incluindo o proveniente de raio ou explosão de gaz, sobre moveis, propriedades e estabelecimentos em todo o reino

E

SEGUROS MARITIMOS

contra

Avaria grossa e particular

Séde em Lisboa

Agente no Porto: José Ribeiro Borges

EM OVAR: Dá informações sobre esta importante Companhia Fernando Arthur Pereira, na tanoaria Carrelhas—Rua das Figueiras.